

EM BUSCA
DOS
ÍNDIOS
GIGANTES



Índios hostis nas margens da Transamazônica, índios gigantes em Roraima, índios desconhecidos na selva mais remota, vivendo ainda na Idade da Pedra. Agora mesmo, 70 paracauás saquearam um acampamento da Funai, a 78 quilômetros do pósto de Tucuruí, levando tudo o que os funcionários brancos tinham. Mas o Ministério do Interior diz que não há perigo para os trabalhadores que abrem a grande estrada, pois os sertanistas estão agindo: os irmãos Vilas Boas embrenham-se nas escuridões do Xingu. E afirmam: "Ainda há muitos mistérios nesses Brasis."

Existe um réceio: a repetição de tragédias como a morte de todos os membros da expedição do padre Callert pelos índios atroaris, sem falar nos muitos (e sangrentos) incidentes entre seringueiros, castanheiros e butros aventureiros da selva profunda. Por isso, o Ministério do Interior e a Funai tomaram medidas para proteger os trabalhadores que estão abrindo a Transamazônica.

Em essência, a proteção consiste em pacificar os índios que habitam uma faixa de 10km em cada margem da estrada, mediante contatos feitos por sertanistas experientes e índios já pacificados. Os resultados já começaram a aparecer: a Funai localizou os araras, uma das nove tribos hostis que devem existir nessa faixa.

E também para pacificar índios que habitam regiões cortadas pelo atual plano rodoviário amazônico, que os irmãos Cláudio e Orlando Vilas Boas e mais o sertanista goiano Acari Passos estão se preparando para entrar na selva remota do Xingu. Os três têm quase certeza de encontrar índios desconhecidos, que talvez nunca tenham visto um homem branco.

O MISTÉRIO DOS KRANHANCOROSÉS

Cláudio e Orlando são dois indianistas experimentadíssimos — o primeiro estava, até, para ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho em favor dos índios.

Os dois acham que em nossas selvas ainda há índios com hábitos semelhantes aos que tínhamos na Idade da Pedra. Por isto, na atual expedição, vão preparados para enfrentar todos os imponderáveis, levando o equipamento essencial para a sobrevivência nessa aventura que tem quase o gosto de um descobrimento de novos Brasis.

Há dois anos, os dois irmãos estavam quase entrincho em contato com uma dessas tribos misteriosas: índios de 2,10m, nas margens do rio Maritzauá Missu, afluente do Xingu. Utilizavam um avião monomotor emprestado pela Universidade de Brasília. Quando estavam quase conseguindo o que queriam, a UNB retirou o avião, e os dois tiveram de abandonar tudo e voltar a pé: 24 dias no meio da mata, entre cobras e espinhos.

O nome da tribo gigante é Kranhancorose, e Orlando Vilas Boas diz que nunca viu um deles, mas tem certeza de que são mesmo gigantes, pois encontrou objetos seus, inclusive tacapes de 1,70m. Segundo todos os indícios, trata-se de índios muito primitivos, talvez os únicos no Brasil que ainda usam machado de pedra. Não conhecem sequer a cabaga, carregam água em talhos de bananeira.

Outra prova da existência de índios gigantes foi encontrada há pouco tempo em Pedra Pintada, Roraima, pelo professor Francisco Otávio Bezerra, vice-presidente do Centro Brasileiro de Arqueologia. Presume-se que esses índios venham sido os parvilhanas, que habitaram a região amazônica, há cerca de 200 anos e foram extintos.

As observações do professor Bezerra sobre sua estatura foram baseadas nos fêmures encontrados em diversas urnas funerárias abaixo dos paredões de Pedra Pintada, que tem esse nome devido a numerosas inscrições representando corpos celestes, figuras geométricas, animais e outras.

Os parvilhanas, ao que parece, eram muito velozes, mas não tinham qualquer poderio bélico, e por isso acabaram dominados pelos macuxis. As pesquisas indicam que tinham uma cultura rudimentar apreciável: construíam cemitérios sagrados, e Pedra Pintada seria um repositório de suas urnas funerárias.

Mas não é a esses gigantes que os irmãos Vilas Boas se referem — os kranhancoroses estão muito longe dessa cultura, e não são assim tão pacíficos: em 1967, uma expedição da FAB foi atacada em sua região, e, a julgar pelos indícios, podem ter sido eles os autores dessa tentativa.

Em dezembro do ano passado, o alemão Friedrich Tolksdorf, que há 16 anos comanda um pósto missionário e de exploração de borracha em Mato Grosso, disse que sempre que vai às selvas encontra sertanistas ou índios civilizados que falam de índios gigantes ou pigmeus, semelhantes aos que vivem na Nova Guiné e na África Equatorial.

Mas o Sr. José Maria Gama Malcher, da Funai, diz que tudo isso é devido à má interpretação da linguagem do índio. E que os caibis, índios da região, chamam seus vizinhos mais próximos, os caiapós, de ipé-uhu. Mesmo os sertanistas mais experimentados desconhecem o termo ipé, mas sabem muito bem que uhu significa pé grande. A mesma tribo caibí costuma chamar seus vizinhos de ipé-wi. O termo wi significa pé pequeno, daí a confusão. Pode ser que não passem de crianças ou até de um outro índio agigantado, mas não uma tribo inteira.

No caso dos kranhancoroses, porém, os irmãos Vilas Boas afirmam que se trata mesmo de gigantes. E só encontrá-los para comprovar.

NEGROS, LOUROS — PRIMITIVOS

Quem ouviu McLuhan falar em "aldeia global", depois olha na televisão vê um homem andando tranquilamente na Lua, pensa logo que não há mais mistérios sobre a Terra, está tudo descoberto. Mas se engana: o Brasil ainda tem muitas terras onde não há notícia de o homem branco ter pisado.

Guajará-Mirim, Rondônia, é uma cidade de 12 mil habitantes, que vive do comércio com a Bolívia — é uma pequena mancha no meio da selva. Com toda a civilização que leva, seus habitantes não se atrevem a entrar no mato num limite de cinco quilômetros. Daí para a frente há os índios desconhecidos, antropofagos, guerreiros, gigantes.

Orlando Vilas Boas conta que, em 1962, viu um dos rituais que mais o impressionaram: os índios comendo um parente morto. A caça naquela região é pouca, por isso os índios têm fome. Então comem seus parentes. A prova é que outras tribos que também vivem na Rondônia, mas em regiões onde há mais caça, não têm esse costume.

Ainda segundo o Vilas Boas, a antropofagia é um ritual. Eles comem um pedaço do corpo do morto dizendo que é para assimilar suas qualidades em vida. Além disso, outro costume é o de incinerar o corpo. Em seguida guardam a cinza num recipiente e todos os dias comem um pouco. Só acreditam que a pessoa morreu quando já comeram toda a cinza.

Cláudio, Orlando, todos os sertanistas, dizem que ainda há muito mistério a descobrir na vida dos índios. Em agosto do ano passado, por exemplo, a Funai disse ter localizado índios negros, mas com os cabelos lisos, nos municípios de Dueré, Peixe e Natividade, onde estariam atacando rebanhos.

Poderia tratar-se de fugitivos de quilombos ou pretos integrantes das bandeiras. Na região de Dueré eles não causam surpresa aos fazendeiros, que os conhecem como os caras-pretas. São nomades, vivem se deslocando na faixa entre esses três municípios e a serra do Tombador.

O sertanista Praxedes Batista, que durante muitos anos trabalhou para o extinto Serviço de Proteção aos Índios, disse que os caras-pretas são o produto do cruzamento de negros foragidos dos quilombos com índios. Também são denominados canoeiros, e se embrenham cada vez mais no sertão, à medida que o homem branco vai ocupando os vazios do Norte goiano.

Ninguém conseguiu até hoje contato com esses índios, porque eles fogem sistematicamente a qualquer aproximação de civilizados. Pelas histórias que ouviu contar, Praxedes Batista acha que são homens muito altos.

Nessas notícias sobre índios, há muita coisa que nem sempre é possível comprovar. Em 1968, por exemplo, anunciou-se que mais de dois mil índios, "louros de olhos azuis", integrantes da tribo Acuri, ni desgarrada do Sudeste do Pará, seriam pacificados pelo ex-SPI, "porque alguns que vivem nas proximidades do Xingu costumam atacar as pessoas que encontram."

O sertanista Francisco Meireles disse que esses índios falam a língua tupi, e possivelmente se originaram de colonizadores perdidos na região. Em 1952, o inspetor Martins Fontes, que defendeu os pataxós da invasão de suas terras na Bahia, travou o primeiro contato com esse grupo.

Em outubro do ano passado, um funcionário da Funai afirmou ter descoberto uma tribo inteiramente primitiva, que vive ainda na Idade da Pedra, nas proximidades de Roraima.

O funcionário Sebastião Firmo disse ter localizado uma aldeia que parecia ter sido abandonada dois dias antes de sua chegada. As árvores em volta foram derubadas com machado de pedra ou com batidas de outro pau, a julgar pelo estado das fibras. As bananeiras das proximidades tinham sido arrancadas como se quem as tirou não conhecesse objetos cortantes.

O mistério que se forma em torno de coisas assim é que dá à expedição que os irmãos Vilas Boas vão iniciar agora um gosto de aventura semelhante à dos antigos descobridores. Eles não vão tentar integrar os índios desconhecidos na vida dos civilizados ou trazê-los para a civilização: apenas iniciarão contatos com eles.

Os dois irmãos sertanistas acham que os índios não podem ser integrados na vida branca. Os que foram trazidos para a civilização acabaram marginalizados e inferiorizados. Até hoje os colhedores de castanhas, seringueiros, garimpeiros e mineradores vivem explorando seu trabalho.

O índio — os dois também acham — será sempre uma vítima do homem branco, mesmo os bem intencionados que pretendem salvar suas almas: quando não é explorado pelo branco o índio apalha a doença branca, acaba morrendo com ela. Por isso, é sempre mais feliz — e mais saudável — vivendo nas escuridões de suas selvas.